

Panorama da República Velha - Parte 2

Nesta aula

Vamos concluir o panorama geral da República Velha iniciado na aula anterior. Começamos pela visão que a elite tinha da população brasileira. Visão essa nada original, pois vinha “enlatada” da Europa, junto com as mercadorias importadas. Conheceremos mais dois intelectuais brasileiros que escreveram em defesa da nossa nacionalidade e, no final, veremos os acontecimentos puseram fim nessa velha, muito velha República.

Alguns ainda se envergonhavam de seu povo, mas nem todos...

Como vimos na aula passada, no entender da elite e dos intelectuais a ela ligados, o Brasil deveria ser civilizado segundo os padrões europeus. Esses intelectuais, influenciados pelas teorias “científicas” da época, adaptavam as teorias racistas em moda na Europa à sua compreensão do Brasil.

Uma das teorias aceitas era o chamado “darwinismo social”, baseado na crença da inferioridade dos não brancos. Essa teoria, que tentava reforçar cientificamente o preconceito racial, servia aos interesses de dominação dos países industrializados da Europa, que nessa época haviam recolonizado extensas áreas de populações não brancas, em todo o planeta.

Os intelectuais que se deixavam levar por essas idéias achavam difícil conciliar a mestiçagem, da qual nós brasileiros somos fruto, com a necessidade de ter idéias positivas sobre a nacionalidade brasileira.

Em outras palavras, se a maioria da população que não era branca, não era considerada, nesse caso quem era o povo brasileiro ou como formá-lo? E, por fim, como construir a nação moderna?

Mas nem todos pensavam assim. Entre os mais importantes críticos do racismo destacou-se o político e jurista fluminense Alberto Torres. Para ele, *as diversas variedades humanas, habitantes do nosso solo, são capazes de atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento moral, e intelectual, atingido por qualquer outra raça (...)* Podemos afirmar, que o negro puro, e o índio puro, são susceptíveis de se elevar à mais alta cultura. (de *O problema Nacional Brasileiro*.)

Alberto Torres defendia, ainda, as riquezas nacionais contra o domínio externo e afirmava que o brasileiro, salvo restrita faixa de privilegiados, seja ele branco negro o índio, *é o estrangeiro desta terra*. (Jornal *A Época*, 4/12/1915.)



Monteiro Lobato criou uma infinidade de personagens em seus livros. Mas Jeca Tatu destacou-se por ser o retrato do homem do campo no Brasil.

Monteiro Lobato foi outro importante intelectual brasileiro a defender sua gente. Imortalizado na literatura infantil pelos personagens do **Sítio do Picapau Amarelo**, em suas primeiras obras descrevia os hábitos da população rural, por meio de um personagem que se tornou famoso: o caipira Jeca Tatu.

Entre 1910 e 1915, Monteiro Lobato explicava a situação miserável do caipira, por sua ignorância e preguiça, pois o Jeca Tatu só obedecia a uma lei, a *lei do menor esforço*.

No entanto, a partir de 1918, com a publicação de um novo livro, **Urupês**, Lobato procurou reconciliar-se com o caipira, afirmando que *o Jeca não é assim, está assim*. Nesse livro, o autor valoriza o caipira, declarando o seguinte:

“ Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharada cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não... És tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra.”

Monteiro Lobato passou a entender os problemas do homem do campo como um problema social, e não como um problema racial. A partir de então, ele se tornou um dos maiores defensores de uma política de saúde para as áreas rurais. E, junto com ele, outros intelectuais, especialmente os médicos, abraçaram a causa do saneamento como bandeira de salvação nacional.

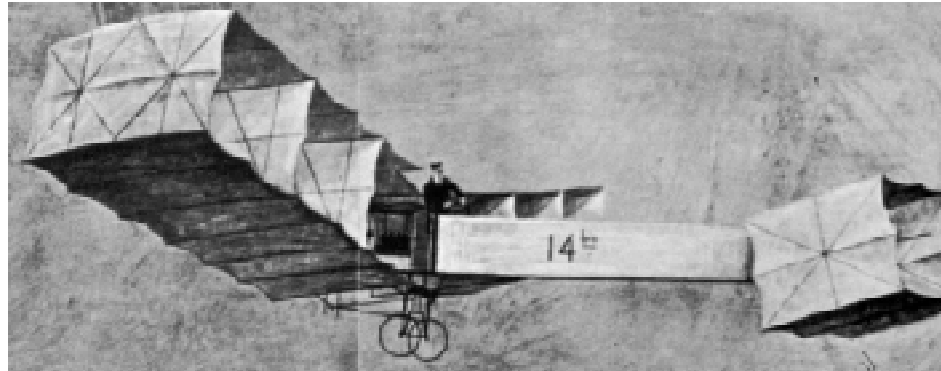
A política do café-com-leite

O governo do presidente Afonso Pena (1906-1909), mineiro de Santa Bárbara, sacramenta o acordo das oligarquias de Minas Gerais e de São Paulo. Com a chamada **política do café-com-leite**, os dois estados apoiavam um único candidato à Presidência. Antes de ser presidente da República, Afonso Pena governou o estado de Minas Gerais e deu início à construção de Belo Horizonte. Na Presidência, a fim de incentivar os negócios e a indústria nacional, elevou as taxas de importação, dificultando a entrada de produtos estrangeiros. Mas os imigrantes continuaram a ser bem recebidos: no seu governo entraram os primeiros japoneses e milhares de sírio-libaneses.

O grande acontecimento de governo foi a Exposição Nacional de 1908, na Praia Vermelha (Rio de Janeiro), com o objetivo de atrair turistas e capitais estrangeiros para o país.

No plano internacional, dois brasileiros colocaram o Brasil em evidência: Santos Dumont e Rui Barbosa.

Em 1906, Alberto Santos Dumont causou espanto e admiração ao voar em torno da Torre Eiffel (Paris, França) com um aparelho mais pesado que o ar. Era o 14-Bis, o primeiro avião inventado.



*Santos Dumont
fez voar o seu
14-Bis, em 1906.*

Rui Barbosa

Em 1907, na Conferência da Paz, em Haia (Holanda), o delegado brasileiro Rui Barbosa destaca-se como um dos sete sábios, defendendo a adoção do arbitramento nos conflitos internacionais e a igualdade das nações na Corte de Arbitramento. O princípio do arbitramento, já utilizado pelo Brasil em diversas ocasiões, evita a guerra quando dois países disputam alguma coisa, pois esses países submetem-se à decisão dos árbitros escolhidos por eles mesmos.

O Convênio de Taubaté (1906)

A produção de café havia aumentado muito e, por causa dessa superprodução, o preço estava baixo demais. Para solucionar o problema, os governadores de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, com aprovação do Congresso Nacional, tomaram empréstimos no exterior para comprar e estocar café. Com essas medidas, tomadas no que ficou conhecido como **Convênio de Taubaté**, mantinha-se o preço e garantia-se os lucros da oligarquia cafeeira que, afinal, controlava os destinos do país.

Uma crise política, iniciada com a rejeição ao nome que ele indicou para ser seu sucessor, desgastou o presidente Afonso Pena e contribuiu para a sua morte, em 1909. O vice-presidente assumiu a Presidência por dezessete meses, para completar o mandato.

Nilo Peçanha (1909-1910), natural de Campos (Rio de Janeiro), tentou fazer um governo equilibrado, sob o lema "paz e amor". No entanto, foi atacado pelos partidários dos dois candidatos à presidência da República: o marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. A principal iniciativa do seu governo foi a criação do Serviço Nacional de Proteção ao Índio sob a direção de Cândido Rondon.

Pela primeira vez, o Brasil viveu o clima de uma campanha eleitoral. Um grande duelo político se travou entre os "civilistas", que apoiavam Rui Barbosa, e os "hermistas", que apoiavam o Hermes da Fonseca. As eleições foram fraudadas, como todas as outras, mas houve intensa participação popular.

O marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), nascido em São Gabriel (Rio Grande do Sul), teve uma imponente recepção ao chegar à Capital para assumir a Presidência, a 15 de Novembro de 1910.

Contudo, passada uma semana, a baía de Guanabara já se agitava, com a Revolta da Chibata e o levante do Batalhão Naval. As forças legais bombardearam o Batalhão, deixando um saldo de mais de 500 mortos. Os marinheiros revoltados contra os castigos corporais, ainda vigentes na Armada, foram atendidos e anistiados, inicialmente, para depois serem fuzilados e deportados. Assim, foram prontamente sufocadas essas rebeliões.

Na política interna, teve grande destaque o senador Pinheiro Machado, amigo do presidente. A inabilidade política de ambos, na tentativa de derrubar oligarquias regionais que não apoiavam o poder central, ocasionou muita violência e derramamento de sangue, principalmente em Recife e Salvador. E foi um completo fracasso a chamada **política das salvações**, com a qual o presidente Hermes da Fonseca pretendia moralizar o país.

Também nesse governo eclodiram a **Revolta do Contestado**, numa região disputada pelos estados de Santa Catarina e Paraná, e a **Revolta dos Sertanejos** de Juazeiro (Ceará), região influenciada pelo Padre Cícero. Em ambos os casos, os camponeses foram duramente reprimidos pelas forças federais.



Já no início do século, Rondon penetrava o interior do país, fazendo contato com indígenas, o que resultou na fundação do Serviço Nacional de Proteção ao Índio.

O marechal Hermes da Fonseca foi criticado e achincalhado pela imprensa e pela opinião pública. Tendo falecido sua esposa, Dona Orsina da Fonseca, casou-se, aos 58 anos, com Nair de Teffé, de 28, que ficara célebre por ser a primeira mulher caricaturista da imprensa brasileira. Ela foi responsável por um toque de descontração e modernidade na vida palaciana. O marechal, que gostava das coisas brasileiras, recebeu um rancho carnavalesco no palácio do Catete, e deu um sarau no qual a cantora Chiquinha Gonzaga apresentou uma dança chamada “corta-jaca”, considerada muito indecente. Isso foi motivo de escândalo para a sociedade da época.

Graças ao marechal, em 1912 o povo brincou dois carnavais. Como o Visconde do Rio Branco morreu em fevereiro, às vésperas do carnaval, o governo homenageou o grande ministro, determinando a transferência do carnaval para abril. Não deu outra! O povo aproveitou não só o carnaval tradicional de fevereiro como o oficial, em abril.

Venceslau Brás (1914-1918)

O governo desse mineiro, natural de Brazópolis, foi marcado pela guerra e pela peste. A guerra interna contra os camponeses do Contestado só terminou em 1916, deixando um saldo de mais de vinte mil mortos.

A Primeira Guerra Mundial, que durou o exato período de seu mandato, logo trouxe graves dificuldades econômicas para o país. Contudo, possibilitou certo desenvolvimento da atividade industrial, na tentativa de substituir por produtos nacionais, aquilo que era comprado no exterior. Aumentaram, também, as exportações de alimentos para os países aliados que estavam em guerra: Inglaterra, França e Estados Unidos.

Só que isso acabou nos custando caro, pois, em outubro de 1917, quatro navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães, levando o presidente Venceslau Brás, a declarar guerra ao Império Alemão.

Porém, a participação brasileira na guerra foi muito modesta. Além de continuar dando apoio, com alimentos e matérias-primas, seguiram para o conflito um grupo de aviadores e alguns navios de guerra que fizeram patrulhamento na costa africana, em 1918.

A peste que assolou o mundo, no final da Segunda Guerra, foi a gripe espanhola. Só na cidade do Rio de Janeiro morreram cerca de seis mil pessoas.

Durante o governo Venceslau Brás ocorreram também muitas manifestações populares contra a carestia e os salários baixos. Além de greves em vários estados, destaca-se a primeira greve geral do país, em São Paulo.



Os trabalhadores organizavam-se e faziam seus congressos.

Delfim Moreira (1918-1919)

Para suceder o presidente Venceslau Brás, foi eleito Rodrigues Alves, que já ocupara o cargo de 1902 a 1906. O ex-presidente, já com 70 anos, combatido pela gripe espanhola, faleceu antes de tomar posse. Drama que se repetiu com Tancredo Neves, em 1985. O vice-presidente eleito, assumiu por um período, de menos de oito meses, até que se realizou nova eleição.

O curto governo do vice-presidente Delfim Moreira, nascido em Cristina (Minas Gerais), ficou conhecido como **regência republicana**.

A oligarquia cafeeira divergiu a propósito da sucessão, de modo que resolveu apoiar um candidato que não fosse paulista nem mineiro.

Mas ficou acertado que os próximos presidentes seriam um mineiro e, em seguida, um paulista, como de fato ocorreu, dando origem ao termo **política do café-com-leite**.

Nessa eleição, Rui Barbosa foi mais uma vez candidato. Apesar de vencer nas capitais, onde as pessoas tinham mais liberdade para votar, a vitória coube a Epitácio Pessoa, que era apoiado pelos coronéis. Nessa época a população rural era muito maior que a urbana.

A crise da dominação oligárquica

Epitácio Pessoa (1919-1922)

Durante o governo Epitácio Pessoa, que era natural de Umbuzeiro (Paraíba), foi criada a primeira universidade brasileira, no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, realizou-se a Semana de Arte Moderna. Surgiam as primeiras manifestações feministas que reivindicavam o direito ao voto. Foi criado o Partido Comunista Brasileiro. Realizou-se uma grande exposição internacional por ocasião do centenário da Independência.

O movimento tenentista

A grande inovação do governo Epitácio Pessoa foi a nomeação de ministros civis para os ministérios militares. Essa medida desagradou a oficialidade, que passou a fazer oposição ao governo. Criou-se, então, no Exército, uma corrente anti-oligárquica que deu início a uma série de rebeliões militares, que marcaram os anos 20.

Houve uma conspiração militar, logo sufocada, durante a qual foi preso o ex-presidente marechal Hermes da Fonseca. Essa atitude desencadeou o levante de tenentes em vários quartéis. Alguns oficiais do Forte de Copacabana saíram às ruas para enfrentar as tropas governistas. Dos “Dezoito do Forte”, como ficaram conhecidos, sobreviveram apenas dois. Esse episódio conferiu imensa simpatia ao movimento tenentista, e aumentou a oposição ao governo oligárquico.

Artur Bernardes (1922-1926)

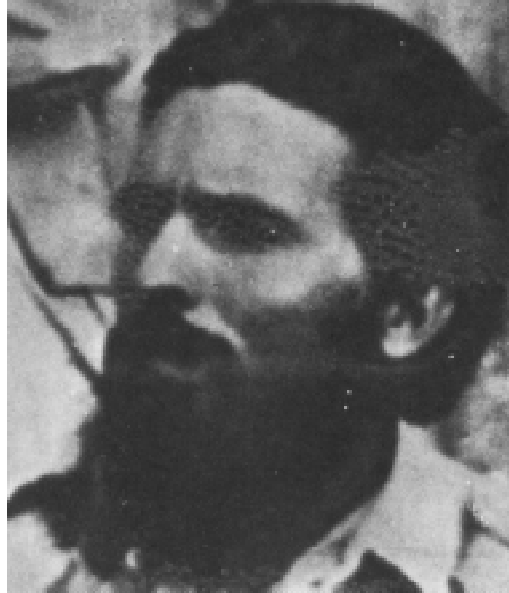
Como estava combinado, foi escolhido um mineiro, de Viçosa, para ocupar a presidência. Esse tipo de eleição, com as cartas marcadas, despertava cada vez mais a repulsa do povo e, principalmente, do Exército.

No Rio Grande do Sul, eclodiu um violento conflito contra o presidente do estado, Borges de Medeiros, que se elegera pela quinta vez.

Em São Paulo, em 1924, militares rebeldes tomaram o poder, e a cidade foi brutalmente bombardeada por tropas federais, até com o uso de aviões, o que provocou mortes e destruição. Os revoltosos deixaram a capital para evitar mais danos à população. E, fortalecidos por um contingente que veio do sul, forma-

ram um grupo, liderado por Luís Carlos Prestes, que ficou conhecido como a **Coluna Prestes**, que durante três anos percorreu o país.

Artur Bernardes manteve o **estado de sítio** durante a maior parte de seu governo. Somente com censura à imprensa, intervenções e violenta repressão policial foi possível garantir a política do café-com-leite.



Luís Carlos Prestes e Juarez Távora também se juntaram ao movimento tenentista.



Washington Luiz (1926-1930)

Natural de Macaé (Rio de Janeiro), o ex-presidente do estado de São Paulo tornou-se o último presidente da República Velha. Sob o lema “governar é abrir estradas” fez a ligação Rio-São Paulo.

No final de seu governo, a crise econômica internacional fez despencar o preço do café. Falida, a oligarquia cafeeira não teve forças para garantir a posse de mais um presidente. Em 24 de outubro de 1930, o presidente Washington Luís foi deposto pelas forças da Revolução.



O tempo não pára

A República no Brasil já nasceu velha. Nasceu de um golpe militar, sem a menor participação popular. Apesar de ter uma Constituição liberal, manteve o povo afastado das decisões do poder. A oligarquia cafeeira controlava o país por intermédio do coronelismo, na área regional; da política dos governadores, na área estadual; e da política do café-com-leite, na área federal. Isso permaneceu assim, até que as forças da Revolução de 30 romperam essa dominação.

Relendo o texto

Exercícios

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure ver o que elas significam, no dicionário e no vocabulário da Unidade.

1. Releia ***Alguns ainda se envergonhavam de seu povo, mas nem todos...*** e explique:
 - a) a quem interessava a difusão da idéia da superioridade dos brancos;
 - b) a afirmação de Alberto Torres: “o brasileiro é o estrangeiro desta terra”;
 - c) como Monteiro Lobato mudou de idéia sobre o Jeca-Tatu.
2. Releia ***A política do café-com-leite*** e responda: por que, apesar da super-produção de café, os fazendeiros continuavam a expandir as plantações?
3. Releia ***A crise da dominação oligárquica*** e responda:
 - a) o que foi o movimento tenentista;
 - b) como surgiu a Coluna Prestes?
4. Dê um novo título a esta aula.

Fazendo a História

“Escrevendo sobre a vida e façanhas de Hubert Hervey, alto funcionário da British South African Chartered Co., o conde Grey acaba concluindo que o branco, e particularmente o inglês, é o único que sabe governar, o que lhe outorga direitos indiscutíveis para dominar as raças de cor, evidentemente inferiores: ‘Provavelmente todo mundo estará de acordo que um inglês tem direito a considerar que sua forma de entender o mundo e a vida é melhor do que a de um hotentote, ou um maori, e ninguém se oporá, em princípio, a que a Inglaterra faça o possível para impor, a esses selvagens, os critérios e modos de pensar ingleses, posto que são melhores, e mais elevados. Há alguma possibilidade, por remota que seja, de que num futuro previsível possa desaparecer o abismo que agora separa os brancos dos negros? Pode haver alguma dúvida de que o homem branco deve impor, e imporá, sua civilização superior às raças de cor?’ ”

Hector H. Bruit, *O Imperialismo*, São Paulo, Editora Atual, 1986. págs. 9-10

Discuta com seus amigos as idéias deste texto, sobre o imperialismo das nações européias industrializadas e suas conseqüências no Brasil.

